

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO (FESPSP)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO: GLOBALIZAÇÃO, PODER E SOCIEDADE

Ivan Zumalde

JOVENS SEM CARTEIRA E COM FUTURO

A JORNADA PARALELA DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE PELO TRABALHO
DA JUVENTUDE

São Paulo

2022

Ivan Zumalde

JOVENS SEM CARTEIRA E COM FUTURO
A JORNADA PARALELA DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE PELO TRABALHO
DA JUVENTUDE

Artigo científico submetido ao Programa de Pós-graduação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) como requisito à obtenção de conclusão do curso de Globalização, Poder e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Marta de Aguiar Bergamin

São Paulo
2022

Catálogo-na-Publicação – Biblioteca FESPSP

331.34

Z94j Zumalde, Ivan.

Jovens sem carteira e com futuro : a jornada paralela de construção de identidade pelo trabalho da juventude / Ivan

Zumalde. – 2022.

27 p. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Marta de Aguiar Bergamin.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Globalização, Poder e Sociedade) – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Bibliografia: p. 26-27.

1. Trabalho. 2. Juventude. 3. Futuro. 4. Emprego. 5. Identidade.
I. Bergamin, Marta de Aguiar. II. Título.

JOVENS SEM CARTEIRA E COM FUTURO

**A JORNADA PARALELA DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE PELO TRABALHO
DA JUVENTUDE**

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de Pós-Graduação do
curso de Globalização, Política e Sociedade
apresentado à Fundação Escola de
Sociologia e Política de São Paulo
(FESPSP)

Aprovado em:

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. A TERRA ARRASADA E A JANELA ABERTA AO FUTURO	4
2.1. Passado e futuro	4
2.2. A cartilha neoliberal	5
2.3. O trabalho neoliberal	7
2.4. A morte do emprego	9
2.5. O trabalho como sofrimento	11
3. OS FILHOS DO NEOLIBERALISMO EM BUSCA DE SENTIDO	13
3.1. A realidade herdada	13
3.2. A equação jovem, trabalho e futuro	15
3.3. A consciência juvenil	18
3.4. Consciência e não rebeldia	19
3.5. O futuro desejado no trabalho	21
4. CONCLUSÕES FINAIS	22
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

Resumo

O artigo aborda as mudanças no mercado de trabalho no contexto da globalização e como os jovens, em especial os jovens brasileiros, interagem com essa situação enquanto buscam renda e satisfação no trabalho. O texto traz as implicações subjetivas, profissionais e políticas decorrentes dos desafios dessa trajetória enfrentada por uma das camadas mais atingidas pelo desemprego e a informalidade no Brasil contemporâneo, relacionando o fenômeno a partir do contexto histórico e social marcado pelo neoliberalismo. O ensaio aborda as razões históricas que culminaram na precarização do trabalho e situa o jovem dentro de uma perspectiva futura de um mercado de trabalho caracterizado pela diminuição do emprego formal padrão e impulsionado por uma nova morfologia laboral de natureza mais flexível, autônoma, instável e empreendedora. Baseado em uma análise teórico-empírica sobre dados do mercado de trabalho, pesquisas, artigos científicos e entrevistas com jovens em busca de oportunidades para o futuro, o artigo joga luz sobre o perfil e a visão dessa juventude como protagonista da sua própria transformação e os significados do trabalho hoje e no futuro.

Palavras-chave: Trabalho. Juventude. Futuro. Emprego. Identidade.

Abstract

The article discusses changes in the labor market in the context of globalization and how young people, especially Brazilians, interact with this situation while seeking income and job. The text brings the subjective, professional and political implications arising from the challenges of this trajectory faced by one of the layers most affected by unemployment and informality in contemporary Brazil, relating the phenomenon from the historical and social context by neoliberalism. The essay addresses the historical reasons that led to the precariousness of work and situates the young person within a future perspective from a labor market characterized by the decrease in standard formal employment and driven by a new labor morphology of a more flexible, autonomous, unstable and entrepreneur. Based on a theoretical-empirical analysis of data from the labor market, surveys, scientific articles and interviews with young people in search of opportunities for their future, the article sheds light on the profile and vision of these young people as protagonists of their own transformation and the meanings of what work is today and in the future.

Keywords: Job. Youth. Future. Employment. Identity.

1 – Introdução

“O mundo é formado não apenas pelo que já existe, mas pelo que pode efetivamente existir”- Milton Santos

A juventude trabalhadora nascida na virada do século XXI está diante da sombra do que foi o passado do mundo do trabalho. Jovens dão sinais de resistência frente aos dois polos do mundo do trabalho: não querem nem o emprego formal tradicional, nem o oferecido pela *gig economy*¹. Enquanto está em busca de seu caminho, encontra a ordem vigente e o *status quo* imposto por um mercado cada vez mais flexível, precarizado e volátil, ambiente resultado das recentes políticas liberais impulsionadas pela globalização e respaldadas pela figura de um estado menos regulador. Soma-se a esses fenômenos, o avanço da tecnologia que elimina ao mesmo tempo que cria novas oportunidades e também a desigualdade estrutural brasileira que segue excluindo a maioria da juventude preta, pobre e mulher das oportunidades laborais que permitiriam ascensão social. O futuro se apresenta instável, com menos direitos trabalhistas e seguridade social e mais soluções autônomas e flexíveis de trabalho. Entre a necessidade e a vontade, a maioria deles parece obrigada – e também obstinada – a construir suas próprias oportunidades e seu futuro dentro do mundo do trabalho.

O cenário encontrado pelo jovem dentro do mercado de trabalho brasileiro guarda características típicas de países do capitalismo periférico, em especial, alta heterogeneidade, informalidade e baixos salários². Essa condição atinge de maneira intensa a força de trabalho formada por jovens entre 15 a 29 anos que entram em peso no mercado informal de trabalho. Embora não seja condição inexorável ou sujeita a mudanças de política públicas de governos, os números demonstram um ambiente de diminuição do trabalho formal com carteira assinada e uma tendência de aumento da informalidade³. Estrutura essa ainda mais desafiadora para os jovens brasileiros. Segundo pesquisa do Banco Mundial incluindo o Brasil⁴, cerca de 70% dos jovens brasileiros tem dificuldade de encontrar trabalho e a desocupação entre a faixa etária de 15 a 29 anos saltou de 49,4% para 56,3 no pós pandemia. De acordo com o relatório da

¹ Em português, economia do bico. Termo derivado do cenário musical, refere-se a uma modalidade de trabalho temporário, sem vínculo e associado a grandes corporações que utilizam plataformas tecnológicas unindo consumidores e trabalhadores a partir de aplicativos.

² Um projeto para o Brasil: diagnóstico e saídas para a economia brasileira, IREE, 2022

³ Entre 2017 e 2019, observou-se um aumento de 8% – em números absolutos de trabalhadores – na geração de empregos pelo setor privado sem carteira assinada e de 7 % de trabalhadores no formato conta própria. Esses números contrastam com a variação de empregos gerados no setor privado com carteira de trabalho assinada que subiram apenas 2%.

⁴ Fonte: FGV Social/ CPS a partir dos microdados do IBGE, Gallup World Poll e Nações Unidas.

OCDE⁵, a proporção de quem nem estuda e, nem trabalha, representa 35,9% dos jovens no país, ocupando o segundo lugar no ranking mundial (a África do Sul é o primeiro com 46,2% e a Holanda é o último com 4,6%). Em termos de renda, os jovens brasileiros também acumularam perdas e tiveram média de rendimento cerca de cinco vezes menor entre a faixa dos 20 e 24 anos, durante os anos de 2014 e 2019. Todos esses números contrastam com o bônus populacional da potente juventude brasileira. Segundo o IBGE, nunca o Brasil teve ou terá tantos jovens em sua história, cerca de 50 milhões que podem exercer atividades produtivas. E mesmo com crescimento da educação universitária das últimas décadas, essa inclusão não foi suficiente para reverter o quadro de desesperança laboral e o país bate recordes de jovens que gostariam de deixar o país, 47% entre jovens de 15 e 29⁶.

Essa falta de perspectiva de futuro para o jovem em relação as oportunidades trabalho no Brasil não se resume apenas em razão de fenômenos econômicos atuais ou ainda por questões geracionais típicas dessa faixa da população. O cenário em 2022 é fruto de um conjunto de transformações políticas, sociais e econômicas do mundo globalizado que, somada as escolhas passadas do estado brasileiro, culminaram em um mercado de trabalho com alta oferta de trabalho informal, precarizado e com baixos salários. Essa situação pode ser dinâmica em razão de períodos de crescimento econômico e também não é estática e imune as pressões e demandas dos trabalhadores. No caso dos jovens, o mecanismo do mercado empurra oportunidades ruins para trabalhadores sem experiência e eles parecem reagir, ora aceitando, ora buscando outros significados, modos de agir, sentir e pensar o trabalho. A juventude parece refutar a zona cinzenta das ocupações que não foram desenhadas para ela e não se enxerga ou se identifica a partir do trabalho em funções como, por exemplo, as oferecidas pelas novas plataformas agregadoras de trabalho de delivery. “A precariedade também implica a falta de uma identidade segura baseada no trabalho” (STANDING, 2013, p.27). Ao contrário de gerações passadas, a carreira profissional não parece ser algo tangível.

Essa inquietação em torno do sentido do trabalho não é apenas uma contestação do jovem contra um sistema laboral estabelecido. Isso porque o fenômeno de não identificação está presente nas duas pontas, seja na informalidade, seja na formalidade. O jovem nega “experiências que levam a existência precarizada” da informalidade e nega estar preso e

⁵ Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/10/brasil-e-o-2o-pais-com-maior-proporcao-de-jovens-sem-trabalhar-e-sem-estudar.shtml#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%20segundo,segunda%20Dfeira%20\(3\)](https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/10/brasil-e-o-2o-pais-com-maior-proporcao-de-jovens-sem-trabalhar-e-sem-estudar.shtml#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%20segundo,segunda%20Dfeira%20(3).). Acesso em: 27/11/2022

⁶ Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/sem-perspectivas-metade-dos-jovens-quer-deixar-brasil.shtml>. Acesso em: 27/11/2022

sujeito a normas de reconhecimento de uma carteira assinada com padrões que ele não acredita. Parece usar o trabalho para responder a outras perguntas sobre um futuro ainda aberto e a ser construído por ele próprio. É sobre esse dilema que esse artigo se debruça. Quer trazer à tona as vontades que movem esse jovem e, principalmente, quais seriam esses novos modos e valores dentro da travessia do mundo do trabalho. O texto pretende responder o que o jovem brasileiro busca enquanto percorre a trajetória entre ganhar dinheiro e fazer algo que traga sentido e garanta seu futuro.

O argumento para esboçar essa visão do jovem sobre o futuro parte da premissa que o catalisador central dessa transformação é a busca pelo trabalho, ou seja, a necessidade de inserção em alguma atividade laboral que lhe garanta renda e realização. É a partir desse movimento inicial e de algumas experiências laborais acumuladas que o jovem cobra consciência de seu valor para ir atrás de algo que lhe dê sentido, algo oposto a carreira tradicional ou as profissões demarcadas do passado. É dentro dessa equação que o jovem vai construir sua identidade visando o futuro. Vai encontrar consigo e se conectar em ação coletiva com os outros jovens a partir de vínculos comuns compartilhados de uma jornada marcada pela falta de trabalho com carteira assinada, mas com grandes perspectivas de futuro. Um amanhã não pautado por profissões do futuro mas pensado a partir de como será o trabalho humano nesse futuro. Um trabalho que certamente será de natureza digital e conectado, em que comportamentos serão mais valorados que capacidades profissionais, no qual o conhecimento permanece importante, o prazer e saúde mental devem ser preservadas e a consciência ambiental e o respeito a diversidade serão fundamentais.

De maneira a estruturar o argumento desse artigo, o ensaio se divide em três partes. Na primeira, é realizada uma análise causal e cronológica dos diversos efeitos do neoliberalismo na sociedade globalizada. É feito um recorte histórico a partir da grande virada (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 189) dos anos 1980, as consequências dessa política no mundo do trabalho hoje e quais as implicações desse fenômeno na esfera subjetiva do sujeito que acabaram por alterar as relações entre identidade e o sentido do trabalho (DEJOURS, 2017). Na segunda parte, o texto conecta essa nova realidade herdada do passado com o mundo dos jovens, em especial da juventude brasileira. Baseado na análise dos aspectos multidimensionais que confluem trabalho, educação e vida pessoal dentro da realidade do jovem brasileiro (CARROCHANO, 2020. p. 526) e na teoria do estoque de experiências comuns e vínculos geracionais (MANNHEIM, 1993, p. 216) o ensaio relaciona a consciência dos jovens contemporâneos com suas concepções sobre trabalho e futuro. Na última parte, o artigo traz pequenas percepções a partir de entrevistas feitas com jovens entre 20 e 25 anos de São Paulo.

Com a escuta dos próprios jovens o artigo busca dar materialidade empírica e esboçar um perfil de sua experiência de maneira a trazer à tona seus sonhos, desejos, inquietações e qual o papel do trabalho na vida deles hoje e no futuro. A argumentação do ensaio se complementa com dados, outros artigos científicos e pesquisas sobre o mercado de trabalho e juventude.

É essa subjetividade dos jovens brasileiros sem carteira que buscam um futuro de êxito que o artigo almeja captar. O texto pretende trazer percepções sobre uma população jovem, urbana, a procura de renda e satisfação e atravessada pelas questões de classe, raça e gênero do país. Procura desvendar quais são as perspectivas do jovem médio brasileiro e agente político do trabalho no futuro e quais são seus valores e seus sonhos. Quem são os jovens trabalhadores que vivem a gestão da sobrevivência entre bicos temporários e projetos pessoais e são filhos da classe trabalhadora e do neoliberalismo dos trópicos?

2- A terra arrasada e a janela aberta ao futuro

Passado e futuro

Para compreender a realidade do mercado de trabalho no Mundo e no Brasil hoje é necessário uma análise sobre as causas políticas, sociais e econômicas que originaram o contexto moderno. Os fenômenos atuais são resultados de um complexo conjunto de fatores da própria dinâmica do trabalho humano acumulada durante séculos. Mas, para efeitos de análise, esse artigo parte de um contexto histórico específico demarcado pelo avanço do neoliberalismo a partir da década de 1980 e dos seus efeitos políticos e ideológicos na sociedade contemporânea. É partir da compreensão das inflexões causadas por essa variante do capitalismo que o texto se origina para, na sequência, se aprofundar nas consequências no mercado de trabalho e, em especial, dos desafios dessa realidade para os jovens trabalhadores.

O neoliberalismo nasceu como doutrina econômica nos anos 1930 e tem pensadores como Friedrich Hayek e a escola austríaca como base teórica. De maneira resumida, foram noções de origem econômica que reinterpretaram o liberalismo clássico e defenderam uma maior liberdade do mercado e uma menor presença do Estado na economia. Entre outros fundamentos, defendia um aprofundamento da concepção do *Laissez-Faire*, pelo qual o mercado deveria ser essencialmente livre e baseado na liberdade econômica sem a necessidade de regulações de agentes externos como o estado. O neoliberalismo é comumente associado ao conceito da mão invisível do mercado, cenário onde empresas e trabalhadores entrariam em um consenso orgânico e natural sobre seus interesses. A economia, as ações que

influenciam a oferta e a demanda, bem como as relações de comercialização de bens, serviços e empregos, caberiam ao mercado e não ao Estado que deveria ter um papel mínimo de regulação e interferência econômica. Para David Harvey (2008) “O neoliberalismo é, portanto, um conjunto de políticas que dão suporte para a recuperação das taxas de lucro ao impor a primazia do mercado em detrimento do planejamento estatal”.

Quando foi proposta, a política não encontrou eco e teve pouca aplicabilidade pelos governos das nações. O mundo ocidental encontrava-se em ebulição com os EUA saindo do *crash* da bolsa de 1929 e a Europa, depois de ser palco de duas guerras mundiais, atravessada por uma profunda crise econômica e social. Era um momento propício para uma maior presença do Estado e o contexto impulsionou um movimento contrário ao defendido pelo neoliberalismo, conhecido como Estado de Bem-Estar Social. Esse modelo orientou estados a interferir na economia para enfrentar a crise e ativar o mercado de maneira induzida com investimentos em setores estratégicos e uma política de seguridade social. O estado de Bem Estar Social, teorizado por John Keynes defendia a mão forte do Estado, regulando a economia por meio de movimentos cíclicos capazes de gerar demanda de trabalho e emprego. Houve crescimento e o mundo ocidental viveu relativa bonança entre o final da 2ª guerra e o final dos anos 1980, décadas conhecidas como os anos dourados do capitalismo. Nessa época, muitos países europeus consolidaram políticas públicas e garantiram estabilidade e direitos sociais em áreas como educação, saúde e emprego.

Mas no início da década de 1980 a situação começou a mudar. Na esteira de outras conjunturas, como a crise do Petróleo, o declínio do bloco soviético na Guerra Fria, o Consenso de Washington, entre outras mudanças, o neoliberalismo passou a ser uma alternativa possível. O contexto mundial se abriu para mudanças e o Bem-Estar Social começou a ser substituído pelo neoliberalismo. Os teóricos da escola de Chicago lideraram os mercados e pressionaram os governos por mais liberdade nos fluxos macroeconômicos e menos regulação. Conseguiram encontrar apoio para implementar suas políticas neoliberais e esse movimento transformaria profundamente as décadas seguintes, cujo efeito vivenciamos atualmente. Liderados por Ronald Reagan no governo dos EUA e Margaret Thatcher no governo do Reino Unido, a política e a ideologia neoliberal se fortaleceu e segue influenciando o mundo ocidental e o globo após 40 anos.

A cartilha neoliberal

A premissa básica da econômica neoliberal é baseada em destravar quaisquer amarras que possam barrar o fluxo livre de capital e impeçam ganhos de produtividade ou lucro. Essa

determinante é um dogma pelo qual organizações e estados deveriam buscar o máximo com o mínimo, independente se os efeitos possam alterar áreas da atividade humana como trabalho, educação e saúde. A gestão privada é entendida como superior a administração pública e, tanto privatizações quanto políticas de austeridade fiscal são bem-vindas. Neoliberais enxergam a tributação e os impostos como impeditivos à liberdade e o crescimento e gastos com funcionalismo público podem significar sinais de má gestão. Entre outras razões, foram essas pressões no final do século passado que determinaram o capitalismo financeiro especulativo e pouco produtivo hoje.

Mas a sociedade neoliberal não se limita apenas a questões econômicas. Se trata também de um comportamento, uma ideologia e uma argumentação que interfere em questões sociais e influencia o modo de vida e os valores contemporâneos. Se tornou natural e, de certa forma, uma verdade absoluta inquestionável entre os indivíduos, a defesa de valores como competitividade, meritocracia e individualismo. Valores que se entrelaçam e se complementam com a prática do consumismo exacerbado da população e a extração de riqueza natural em detrimento da sustentabilidade do planeta. A desigualdade também se tornou algo em evidência e cresceu na sociedade neoliberal, uma vez que permitiu e potencializou mais fluxos de capital. Ou seja, os donos de grandes fortunas geraram mais lucros e os com menos recursos não geraram lucros ou mesmo renda, enquanto as classes médias ficaram achatadas. A normalização do sucesso pelo ganho e lucro é aceito e até venerado na sociedade neoliberal, mesmo em países como o Brasil, no qual o cenário de abismo e distanciamento social é comparável a Europa do século XIX⁷. A cartilha neoliberal, portanto, atua no campo da economia e no campo das ideias, ao permitir que indivíduos acumulem de forma irrestrita como um sinal de sucesso. Foi todo esse arcabouço neoliberal das últimas quatro décadas que formou uma espécie de nova razão de mundo, como argumentam Pierre Dardot e Christian Laval (2016) “(...) tomou corpo num conjunto de dispositivos discursivos, institucionais, políticos, jurídicos e econômicos que formam uma rede complexa e movediça”.

Aparecem, portanto, “formas inéditas de subjetivação” (DARDOT e LAVAL, 2016) que adentram na vida das pessoas. Valores se tornam dogmas e a competitividade fomenta conflitos cotidianos diários. Há uma capitalização da vida individual que faz eclodir aspectos comunitários e de solidariedade. Sujeitos parecem buscar o sucesso e o reconhecimento e quem “vence não deve nada à sociedade” (DARDOT e LAVAL, 2016). Esses aspectos do

⁷ O economista francês Thomas Piketty é autor de *Capital e Ideologia* e é um teórico sobre o capitalismo. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/601119-piketty-a-desigualdade-no-brasil-e-da-europa-no-seculo-19>. Acesso em: 27/11/2022.

comportamento acabam por normalizar essa nova racionalidade, onde sujeitos buscam o lucro subjetivo e parece não existir possibilidade de contestação à realidade única e legitimada. Uma nova razão de mundo se transforma em uma razão de vida.

Dardot e Laval (2016) demonstram como essa nova razão política e social neoliberal avança e sedimenta suas bases ideológicas em níveis mais profundos na qual a força do capital se sobrepõe sobre a vida humana. A eficiência cultuada entre sujeitos e a liberdade econômica travestida de maximização de resultados se impõe nas políticas públicas dos estados que tiram proteções sociais, entre outros direitos sociais implementadas em épocas recentes, como os anos dourados do capitalismo. Essa engrenagem neoliberal acaba assumindo caráter quase religioso e exerce sua influência em um dos eixos mais importantes da atividade humana, o trabalho.

O trabalho neoliberal

O motor neoliberal age no mundo do trabalho com a mesma lógica que em outros campos. Procura destravar impedimentos que possam reter a maximização de ganhos a partir da lei da produtividade: menos gastos, logo, mais lucro. Esse fenômeno não é novo dentro do sistema capitalista e desde o Fordismo, o Taylorismo e o Toyotismo busca-se eliminar o desperdício com melhores métodos de gestão do trabalho humano. O que o neoliberalismo e a tecnologia fizeram foi avançar e potencializar o fenômeno. Nesse sentido, a própria atividade humana do trabalho pode tornar-se também um impeditivo ou uma condição, uma peça, a ser eliminada para garantir maiores ganhos. Assim, salários tornam-se custos operacionais a serem combatidos ou, em uma condição ideal, eliminados. Regras que determinam garantias para trabalhadores humanos e sindicatos ou organizações em torno ao trabalho são, portanto impedimentos a liberdade econômica natural. Com isso, dentro da lógica liberal, não há razão para leis que determinem uma quantidade de horas máximas trabalhadas ou salários e remunerações mínimas, por exemplo.

Esse fenômeno pode ser constatado na precarização do trabalho ou, uberização, fenômeno que “altera modos de remuneração, determinação do tempo de trabalho, motivações subjetivas, formação de identidade profissional e saúde do trabalhador” (ABÍLIO, 2020, p. 34). Plataformas de trabalho geridas por grandes corporações eliminam leis e regramentos do Estado para impor suas próprias regras e maximizar a produtividade e o lucro. Aplicativos de entregas ou serviços de motoristas foram construídos em tecnologia algorítmica em função dessas condições, ou seja, maximizar o trabalho humano e otimizar custos para gerar ganhos de produtividade e portanto, lucros para a empresa. A flexibilidade é

um imperativo e, embora a autonomia dos trabalhadores possa existir, a sensação de liberdade se sobressai sobre leis trabalhistas como a CLT. Os trabalhadores da era neoliberal se encontram menos seguros e mais reféns de uma nova morfologia do trabalho onde a informalidade reina. Embora o avanço tecnológico traga novos ganhos para a população, o modelo precário de trabalho se assemelha a regimes antigos de exploração do trabalho.

São diversos formatos e nomes para um mesmo fenômeno. Precarização, uberização, pejetização, terceirização, plataformização e flexibilização são fragmentos do avanço neoliberal sobre o trabalho humano. Todos legitimam a liberdade em forma de informalidade do trabalho e corroboram para uma relação desigual entre capital e trabalho. “A plataformização é um laboratório da luta de classes” (GHOHMANN, 2021) e as condições desiguais e desreguladas entre oferta e demanda de trabalho acabam por gerar desemprego ou trabalhos precários com baixos salários e uma sensível piora da qualidade de vida do trabalhador médio. A régua do sistema empurra a grande maioria a trabalhar mais e ganhar menos, sem garantias de seguridade social ou previdenciária. De acordo com Guy Standing (2013, p. 27), se trata de uma possível nova classe social, sem identidade pelo trabalho, o precariado, junção das palavras proletariado e precário. Segundo o autor “(...) olhar para o precariado é perceber como as pessoas passam a realizar formas inseguras de trabalho e que provavelmente não as ajudarão a construir uma identidade”.

Pode ser ainda prematuro determinar o surgimento da nova “classe perigosa” proposta por Standing. A luta de classes está presente, permanece e o “Breque dos Apps”, a greve dos trabalhadores de aplicativos, foi uma manifestação desse conflito entre trabalhadores e interesses corporativos. Mas, embora a organização exista, os ganhos parecem ser limitados. O que é possível afirmar com segurança é que houve uma sensível perda de força e negociação da classe trabalhadora frente a nova morfologia do trabalho e que esse movimento foi assistido e legitimado pelo próprio estado. Há indicadores consistentes nas últimas décadas comprovando que, “sem regulação, o poder de mercado de quem contrata achata os salários”⁸. Como argumentado anteriormente, o neoliberalismo é sobretudo uma razão de mundo determinante na esfera política e pressiona a condução de políticas públicas no âmbito do trabalho. No Brasil, isso pode ser visto na recente reforma trabalhista de 2017 com inclusão de trabalho intermitente e retirada de legislação que garantia direitos sociais e protegia o trabalhador. Depois de cinco anos esperava-se que tais modificações gerassem

⁸ Brasil tem convivido por décadas com alta informalidade e poder de mercado na determinação dos salários pelas firmas. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/sergio-firpo/2022/09/sem-regulacao-poder-de-mercado-de-quem-contrata-achata-os-salarios.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa. Acesso em: 27/11/2022

mais flexibilidade e por consequência mais empregos, mas números atestam que isso não ocorreu e que ainda houve um aumento da informalidade e de insegurança jurídica com menos processos trabalhistas em defesa dos trabalhadores. Em realidade, pesquisas mundiais indicam o contrário, que legislação protetoras podem até aumentar o emprego⁹. Mas o estado brasileiro agiu sob influência do mercado quando retirou mecanismos de financiamento dos sindicatos, enfraquecendo as organizações e deixando os trabalhadores menos organizados e fragmentados. Por fim, a lógica neoliberal prevaleceu, e trabalhadores seguem em busca de empregos, também de sua seguridade social, previdência e sobrevivência. Estão soltos em busca de renda na era da extinção do emprego. Contexto no qual o jovem busca oportunidades. Pode-se afirmar que o cenário enfrentado por eles é mais desafiador e instável em comparação a dinâmica de oferta de emprego na época de seus pais.

A morte do emprego

O emprego assalariado com plano de carreira e segurança social é um ativo cada vez mais em falta no mercado de trabalho. A própria OIT (Organização Internacional do Trabalho) atesta em pesquisas a tendência de morte do que um dia foi considerado emprego. Segundo publicação de 2015:

“Novas tecnologias e mudanças na maneira como as empresas organizam a produção são fatores chave por trás da mudança de relação de emprego e de expansão de novas formas de trabalho. Atingir o modelo de emprego-padrão como no passado está se tornando cada vez mais difícil”

Esse fenômeno é observado em economias avançadas e no restante das nações globalizadas. Em países da Europa por exemplo, o avanço da flexibilização ainda encontra barreira em legislações mais estruturadas de Bem-Estar Social, mas mesmo assim avança como uma tendência forte em comparação a padrões do passado. No Brasil, e em economias mais periféricas do capitalismo, esse fenômeno é mais intenso. O país não consegue garantir emprego de qualidade e os trabalhadores não estão qualificados, construindo uma espiral perversa e constante de geração de trabalhos com baixos salários cada vez mais informais. A

⁹ Do ponto de vista da evidência empírica, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) realizou, no ano de 2015, dois estudos internacionais que analisaram a relação entre a proteção do trabalho, a taxa de desemprego e o nível de participação. O resultado dos dois trabalhos, que chegou à cobertura de 111 países entre 2008 e 2014, é que não há correlação estatística significativa entre a rigidez da legislação trabalho e o nível de emprego. Aliás, no estudo coordenado por Adascalitei e Pignatti Morano (2015) há evidências de que onde avançaram mais as reformas de desregulamentação da legislação trabalhista, o nível de desemprego aumentou no período, e o contrário ocorreu com as reformas de caráter mais protetivo. De: Um projeto para o Brasil: diagnóstico e saídas para a economia brasileira, IREE, 2022

mudança do perfil exportador e a desindustrialização das últimas décadas no país corrobora com o cenário restrito de poucos empregos e muitos trabalhos informais e temporários, que são as condições que os jovens encontram ao buscar inserção no mercado de trabalho.

Embora as questões envolvendo a informalidade em si não sejam foco desse artigo, elas alteram o sistema econômico e tal condição indica uma maior probabilidade de precariedade no Brasil. E, como comprovado anteriormente, dados sinalizam a tendência de informalidade crescente no país. Atualmente cerca de 20 milhões de brasileiros sobrevivem só com bicos¹⁰ e praticamente 40% da população está no regime informal (é possível que o número seja maior a julgar pelos desalentados, entre outras condições). Segundo pesquisa Trajetórias da informalidade no Brasil Contemporâneo, da Fundação Perseu Abramo¹¹, a explosão do número de registros de MEI¹² no país “funciona mais como veículo de informalização do que de formalização”. Hipóteses da pesquisa indicam que “a trajetória de vida do trabalhador informal é pouco conhecida, e se dá pelo trânsito entre formalidade, informalidade e empreendimentos familiares”.

O fenômeno do empreendedorismo é outro componente presente dentro do contexto da morte do emprego e do trabalho informal. Se tornou uma opção mais pela necessidade do que pela vontade de empreender um negócio próprio. Segundo dados da pesquisa Retrato do trabalho informal no Brasil¹³ da Fundação Arymax, no Sudeste, a região com importante desenvolvimento econômico do país, apenas 2,4% empreende por opção, enquanto 55,3% fazem por necessidade. Há ainda 18,2% que são informais com maior capacidade produtiva e 31,7% que são formalizados frágeis – que podem tornar-se informais. O país tem um enorme déficit de inclusão produtiva de trabalhadores e constata-se que o empreendedorismo explicitado na narrativa neoliberal contrasta com a realidade do trabalhador. Segundo o pesquisador Henrique Amorim (2017; 2018) é falsa a ideia sobre o modo de vida empreendedor, “(...) o modo de vida empreendedor atua para mistificar a dominação da força trabalho, encobrendo, com mais uma camada, o caráter classista do controle e direção dos processos de trabalho”.

¹⁰ Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/06/quase-20-milhoes-de-brasileiros-sobrevivem-so-com-bicos.shtml>. Acesso em: 27/11/2022.

¹¹ A pesquisa buscar explorar o universo contemporâneo sobre o mundo do trabalho no Brasil, oferecendo ao debate público e a pesquisadores algumas questões que virão a compor uma agenda de pesquisa sobre informalidade no trabalho no Brasil. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/publicacao/pesquisa-aponta-trajetorias-da-informalidade-no-brasil/#:~:text=Publica%C3%A7%C3%B5es%20Perseu%20Abramo,-Editorias&text=A%20pesquisa%20buscar%20explorar%20o,informalidade%20no%20trabalho%20no%20Brasil>. Acesso em: 27/11/2022.

¹² Segundo dados do Ministério da Economia, existem 19.373.257 empresas nesse regime no país.

¹³ Fundação Arymax. Disponível em: <https://retratodotrabalhoinformal.com.br/website/wp-content/uploads/2022/06/Retrato-do-Trabalho-Informal-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 27/11/2022.

Grande parte do empreendedorismo apresenta-se portanto, como uma solução para o desemprego e não uma vocação para todos. Mesmo o país concentrando grande contingente de indivíduos empreendedores – cerca de 9,9% da população ativa e ocupando o 6º lugar no ranking mundial em 2021 (os dados são da pesquisa mundial do GEM *Global Entrepreneurship Monitor* realizada em parceria com o SEBRAE) – pode existir nesses números uma percepção descolada da realidade. Essa percepção do brasileiro como empreendedor pode ser, inclusive, fruto da narrativa neoliberal somado ao próprio histórico do país, marcado pela ‘viração’ (TELLES, 2000). Em realidade, o trabalho informal no Brasil sempre foi uma realidade desde dos primórdios do mercado de trabalho no país. O brasileiro pobre e formador da grande massa de trabalho no país sempre teve que buscar a própria sobrevivência. O próprio estado financiou a escravidão por séculos e, quando aboliu o trabalho escravo, não inseriu o negro no emprego, não garantindo condições e oportunidades iguais que resultariam mais tarde em disparidades no mercado de trabalho, com negros e mulheres em piores condições. Nesse sentido, o brasileiro sempre teve vocação empreendedora na busca pela renda em trajetória a margem do Estado. A precarização laboral promovida pelo neoliberalismo intensificou essa condição e exige também do trabalhador que o empreendedorismo seja a solução para o desemprego. A gramática do capital parece oferecer os meio de produção como carros, motos, computadores, celulares e exige em troca o próprio humano para além da sua força do trabalho. O sentido e a identidade do trabalhador mudaram.

O trabalho como sofrimento

A renda advinda do trabalho é um eixo fundante da sociedade moderna. Desde a antiguidade, da invenção da agricultura, passando pelo feudalismo até chegar as sociedade industriais, o trabalho vem tornando-se algo indissociável da realidade humana. Transformar a natureza ou algo a partir do trabalho, ter renda e ser livre é algo cultural. O que o sistema capitalista e o neoliberalismo propõe é a transformação das relações entre humanos e trabalho em novos rearranjos sociais que ocasionam “uma certa não coesão social” (CASTELLS, 2015), na medida que estimulam a competição permanente e o lucro como objetivo final. Essa lógica de subjugar o ser humano pelo trabalho em função do capital ocasiona enfraquecimento, adoecimento e insegurança aos humanos. A saúde mental pode estar diretamente ligada as relações de trabalho moldadas por esse sistema. Segundo Christophe Dejours (2015), médico do trabalho, psiquiatra e psicanalista, a automatização e a robotização das tarefas, as intimidações e coerções nas organizações do trabalho, o ajuste à cultura ou

valores organizacionais, configurado nas pressões do mercado, contribuem, consideravelmente, para o sofrimento do trabalhador. De acordo com o autor:

“Quando o rearranjo da organização do trabalho não é mais possível, quando a relação do trabalhador com a organização do trabalho é bloqueada, o sofrimento começa: a energia pulsional que não acha descarga no exercício do trabalho se acumula no aparelho psíquico, ocasionando um sentimento de desprazer e tensão”

A partir da afirmação de Dejours pode-se relacionar as condições do trabalho contemporâneo com a saúde mental e o sofrimento humano. Ou seja, a vida pode se tornar precária pois o trabalho é precário e atua como limitador da criatividade ou opressão do sujeito. Para além desse sofrimento do trabalho indesejado, existe ainda, sob o pensamento do trabalhador, a incerteza de um mercado de trabalho que não oferece mais uma trajetória de vida e uma identidade profissional definida. A saúde mental então também começa a ser afetada na medida que não existe mais uma perspectiva de futuro pelo trabalho.

Com as relações sociais virtuais e o trabalho digital em condições descaracterizadas da função empregador-empregado tudo se torna possível. As relações ficam mais voláteis e flexíveis e o trabalhador fica sem chão. Sem regras trabalhistas, regulações ou mesmo hierarquias organizacionais, o sentido do trabalho como o conhecíamos até aqui parece cobrar um novo significado. O trabalho que foi um importante fator de construção de identidade em nossa sociedade acaba se transformando em um fator desconectado de sentido. A engrenagem neoliberal acabou subtraindo o aspecto humano do trabalho humano e cooptou sua subjetividade. Parece não existir mais prazer e nem realização pelo trabalho. Um deslocamento entre identidade e profissão se instaura, criando um vácuo. A carreira e uma jornada de trabalho regular e planejada cai por terra e cai também o sentido de se buscar uma profissão visto que o emprego morreu e o trabalho ficou precarizado.

O cenário de distopia se apresenta para o velho trabalhador frente a falta de emprego. Mas e para o jovem? Como ele enfrenta essa realidade desafiadora em busca do amanhã?

3 – Os filhos do neoliberalismo em busca de sentido

A realidade herdada

A crise do presente abre uma sombra no futuro do jovem e o país enfrenta o paradoxo entre a grande capacidade produtiva da juventude e a falta de oportunidades. O gargalo econômico existe e não existe dúvidas que existe desemprego nessa faixa etária. Cerca de 31%, entre 18 e 24 anos, segundo o IBGE, estão em desemprego. A dificuldade de conseguir trabalho e

planejar uma trajetória profissional minimamente segura é ainda pior para mulheres e negros em razão da segregação histórica do país. Segundo a plataforma Atlas das Juventudes¹⁴, no caso das mulheres, a cada cinco jovens, uma está sem oportunidades formais de renda e suscetível a vulnerabilidade social. Somente na cidade de São Paulo, são cerca de 800 mil jovens em grupos de vulnerabilidade e desses, cerca de 20% são responsáveis pelo domicílio que vivem. Jovens ainda têm mais dificuldade por falta de experiência e sofrem para se manter no trabalho. A taxa de desemprego de longo prazo tem média de 2 anos para jovens e, quanto mais tempo fora do mercado, mais difícil se torna a recolocação. A herança maldita da desigualdade social, o baixo e desigual crescimento econômico e o pós-pandemia parecem potencializar as dificuldades para quem nasceu na virada dos anos 2000 e busca inserção no mercado. O sofrimento em razão do trabalho descrito por Dejours recai novamente sobre o jovem, mas, como veremos adiante, busca interagir e ressignificar esse desafio de outra maneira. Parece ter a desesperança fincada no presente e a esperança ancorada em um futuro melhor e diferente.

De volta aos números, eles atestam uma dura realidade. Os marcadores de gênero e raça que atravessam principalmente as camadas mais pobres são desafiadores para a sociedade brasileira. Muitas jovens pretas precisam trabalhar em cuidados de casa, seja em tarefas do lar, seja no cuidado de irmãos menores. Em razão disso, o desemprego é mais alto entre jovens mulheres, cerca de 20,6% frente a 11,8% dos homens (2006), segundo o mapeamento do Atlas das Juventudes. Em comparação com a raça, a desigualdade também é evidente. A taxa de participação das mulheres jovens brancas é de 63,4% no mercado de trabalho enquanto a de negras é de 59,3%, entre as que têm entre 18 a 24 anos. A segregação social do passado se junta a políticas neoliberais do presente como uma herança maldita e um peso a mais a ser enfrentado pelos jovens brasileiros que buscam trabalho. Uma inflexão do estado implementando políticas públicas focadas nas questões da juventude seria fundamental e urgente para reverter ou minimizar essa situação, mas não há perspectivas nesse sentido.

A vulnerabilidade permanece atingindo a juventude em uma fase crítica de formação educacional e experiência laboral. O estado brasileiro ainda não cria condições suficientes para grande parte da juventude e oferece uma educação de má qualidade que se conecta com uma oferta de trabalho também de má qualidade. O resultado desse cenário aparece no aumento de contingente de jovens que ficam em uma espécie de zona cinzenta: sem estudo e

¹⁴ Atlas da Juventudes. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/jovens-potencia/>. Acesso em: 27/11/2022.

sem trabalho, os chamado nem-nem. Em um grande centro urbano como São Paulo e com mais oportunidades essa situação atinge 24,3% do grupo de pessoas entre 18 e 24 anos. No Brasil, esse número é de 29,3% na faixa de 15 a 29 anos. É uma capacidade de transformação da potência dos jovens desperdiçada com reflexos negativos para toda sociedade. Vale ressaltar que o país vive um bônus demográfico e tem cerca de 50 milhões de brasileiros entre 15 e 29 anos e que, dentro desse contingente, 70% tem dificuldade de encontrar trabalho. O resultado da equação são jovens empurrados para informalidade e a precariedade do trabalho, como constata a pesquisadora Maria Carla Carrochano:

“A capacidade produtiva dos jovens depende tanto de sua educação quanto de sua experiência no trabalho. Diversos são os obstáculos nessa etapa de transição entre escola e trabalho. Na educação, o nível de aprendizado é insuficiente e a distorção idade-série e o abandono são elevados. No mercado de trabalho, os jovens enfrentam altas taxas de informalidade e desemprego”

De acordo com os dados da PNAD Contínua de 2019, estima-se em 49,4% a proporção de jovens trabalhando na informalidade, com apenas 28,4% inseridos no mercado formal de trabalho. Esses números podem ser ainda maiores após a pandemia e a constante mudança nas relações de trabalho em razão dos avanços tecnológicos. E, mesmo com o impulso do governo para aumentar a participação dos jovens nas camadas mais populares nas escolas e faculdades nas últimas décadas, essa situação não parece surtir efeitos sobre o gargalo entre o potencial da juventude e o mercado de trabalho. “O sonho de jovens com engenharia e medicina acaba em informalidade e baixo salário”¹⁵. Um fenômeno que atinge todas as classes sociais, os que conseguem formação universitária e não encontram trabalho e os que não estudaram e se veem obrigados a se submeter a trabalhos com baixa remuneração ofertados pelo mercado neoliberal. Em resumo, o jovem brasileiro herdou uma situação marcada por um passado não resolvido, tem que enfrentar uma gama de novos desafios e não tem uma perspectiva de melhoria de vida e ascensão social pelo trabalho. É um jovem sem carteira, sem dinheiro no bolso e em busca de uma identidade e um futuro pela frente.

Mas, a necessidade do presente exige e empurra o jovem a ancorar suas esperanças no futuro. Embora possa não se mostrar como um fenômeno tão visível, o jovem não está em estado de inércia. Um novo olhar e a necessidade da sobrevivência misturada com inquietude

¹⁵ Jovens enfrentam enorme barreira para entrar na faculdade e melhorar chances futuras. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/10/sonho-de-jovens-com-engenharia-e-medicina-acaba-em-informalidade-e-baixo-salario.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa. Acesso em: 27/11/2022.

podem ser suas ferramentas no árduo mercado de trabalho. No Brasil, há algumas nuances que caracterizam a juventude trabalhadora e que podem lhe dar um diferencial competitivo, inclusive alinhado com a perspectiva neoliberal. Os que conseguem escapar da vulnerabilidade, desde muito cedo começam a trabalhar. Boa parcela da força de trabalho é empurrada a sair de casa para trazer renda e completar o sustento da família. O jovem brasileiro tem contato com diferentes tipos de atividades laborais desde cedo e essa situação traz uma experiência constitutiva importante. Cerca 38,1% dos jovens brasileiros entre 15 e 29 anos trabalhavam no Brasil em 2019, número que deve ser ainda maior em razão da multiplicidade de formas e sentidos do que pode ser considerado trabalho para os jovens e das possibilidades oferecidas pelo advento da internet atualmente. É muito difícil as pesquisas mensurarem com exatidão a realidade de jovens que podem ter três fontes de renda distintas em tempos e condições diferentes. O fato é que a juventude convive precocemente com o trabalho e o estudo e em todas as classes sociais. Há inclusive outros tipos de trabalho em segmentos marginalizados e informais que não são considerados como trabalho, mas que para os jovens são fontes de renda. Um novo mundo do trabalho e diferente do prisma do passado.

A equação jovem, trabalho e futuro

Para compreender como o paradoxo produtivo da crise da carteira assinada e do desemprego podem se transformar em oportunidades reais de trabalho é importante um olhar menos preconceituoso e baseado em crenças sobre o mercado de trabalho. O desafio deve ser visto a partir da cabeça do próprio jovem e como ele busca encarar e enfrentar essa situação adversa. É necessário ter um olhar mais abrangente sobre o fenômeno envolvendo a tríade jovem, trabalho e futuro. Apenas questões macroeconômicas não respondem as inquietudes e problemas vividos pela juventude e é fundamental relacionar aspectos subjetivos com situações empíricas. Segundo Maria Carla Carrochano (2020, p. 526), o olhar multidimensional é um importante caminho para essa análise, “Aprofunda-se a perspectiva multidimensional, que examina o entrecruzamento dos percursos desenvolvidos pelos jovens (educacional, laboral e familiar) para produzir uma compreensão mais integrada dos problemas vividos por eles”.

Essa maneira de olhar pode mudar a perspectiva do problema. Embora seja fato que a herança neoliberal das últimas décadas ofereça um cenário precário de trabalho aos jovens, a perspectiva do próprio jovem pode ser distinta da perspectiva de modelos antigos ou de trabalhadores de outros contextos históricos. Não é paradoxal pensar que o próprio empreendedorismo pode ter variantes menos neoliberais e mais coletivas como o formato do

cooperativismo de plataforma. E a juventude pode encarar o futuro e o trabalho a partir desses prismas diferentes, vislumbrando outras possibilidades enquanto aproveita as benesses do presente e refuta os padrões do passado. Parece que o futuro e os anos vindouros obriga o jovem a pensar outras maneiras para construir um outro futuro que pertença só a eles.

Aparece no horizonte uma juventude mais proativa e menos rotulada como problema. Se faz necessário uma maneira de compreender os jovens brasileiros elaborando seu futuro e já existem provas nesse sentido. Algumas evidências sobre a percepção deles em relação ao mundo indicam o caminho multidimensional proposto por Carrochano (2020, p. 526):, 82% creem em novas formas de trabalho¹⁶, 45% querem empreender¹⁷, 73% buscam qualificação dos quais 29% acham que a capacitação pode ajudar e encontrar emprego¹⁸. São dados que contém algumas mensagens importantes, em especial que buscam um futuro melhor e diferente e que vão se esforçar para consegui-lo. Os dados atestam que o jovem não parece estar passivo diante de uma situação dada e herdada. Quer engendrar novas alternativas econômicas sociais e políticas para seu futuro e isso se dá de forma integrativa em sua vida, onde o trabalho se vislumbra e significa algo diferente do passado.

Em razão dessa perspectiva mais multidimensional, é relevante observar o significado sobre o empreendedorismo para o jovem. Para além do que já observado, de como a engrenagem neoliberal forçou trabalhadores a se tornarem empreendedores como solução para falta de emprego, um fato incontestável é que essa narrativa está embutida nos valores contemporâneos e isso inclui os jovens que não o enxergam de maneira estigmatizada como alguns setores do campo da esquerda. O empreendedorismo, a meritocracia e o individualismo são características amplamente fortalecidas na educação e na mídia. Existem disciplinas e entidades como SEBRAE fomentando essa perspectiva de forma contundente há décadas no modelo educacional e, ao no final, a ‘viração’ (TELLES, 2000) brasileira parece se misturar com o empreendedorismo para formar um traço constitutivo do brasileiro. Não seria incomum, portanto, que o traço empreendedor estivesse na cabeça do jovem.

Mas vale ressaltar que a caricatura idealizada e promovida pelo mercado em relação a imagem do empreendedor herói parece ter aderência apenas em parte da subjetividade juvenil trabalhadora. Parte da juventude parece encarar com naturalidade uma perspectiva mais alinhada com o verbo empreender, no sentido de ter uma posição menos passiva e ter uma atitude mais individual e capaz de mudar sua realidade. O empreender no trabalho pode não

¹⁶ 3º Relatório Especial para cidade de São Paulo da pesquisa: “Juventudes e pandemia: e agora?”, coordenada pelo Atlas das Juventudes.

¹⁷ Atlas das juventudes

¹⁸ Atlas das juventudes

necessariamente ser a vontade de criar um negócio ou ainda de se identificar como empreendedor por exercer um trabalho autônomo para uma plataforma de *delivery*. A atitude empreendedora parece estar vinculada a própria vida e não ao trabalho. Um comportamento mais do que uma identidade, como atesta Rafael Grohmann (2021), ao analisar trabalhadores da *gig economy*, em grande parte jovens, “A maioria não entende-se como empreendedor. A maioria está aqui para garantir a própria sobrevivência. Eles entendem que não são empreendedores”.

Essa sobrevivência pode ser algo temporário e não uma ideia de futuro. Em razão disso, existe grande volatilidade e não permanência dos jovens em trabalhos precarizados. Mudam e alteram a fonte de renda constantemente. Podemos observar, portanto, que os jovens refutam esse tipo de trabalho e permanecem imaginando outras possibilidades. Empreendem outras alternativas ao seu próprio modo e de uma maneira distinta das teorias sobre o empreendedorismo. Nem tanto uma abordagem crítica da teoria social onde o empreendedor é responsável pela valorização social do lucro, tornando-se o agente central para acúmulo financeiro no capitalismo (WEBER, 2004), nem tanto uma perspectiva da teoria econômica, onde o empreendedor aparece como indutor da dinâmica econômica e responsável pelo fluxo do desenvolvimento produtivo (SCHUMPETER, 1997). Cabe um outro prisma para entender o que o empreendedorismo significa a partir do que o jovem pensa e vive.

O jovem, em especial a juventude brasileira em análise nesse artigo, parece buscar uma visão própria ao refutar visões que não estão alinhadas a sua realidade. Como filhos do neoliberalismo, têm em seu sangue os valores neoliberais e vivenciam a simbiose de experimentar suas perdas e ganhos. Mas dá indícios de buscar reorganizar sua vida laboral integrada com sua vida pessoal em busca não só de renda e uma profissão mas de satisfação e um futuro diferente do presente que herdou. Presencia a dor, a angústia e o sofrimento inerentes a realidade brasileira¹⁹, mas agencia a situação para o prazer e a identidade, ou seja, pode se transformar com a adversidade e o sofrimento do trabalho e se ressignificar e aos outros vivenciando um fortalecimento coletivo e compartilhado, assim como argumenta o pensador Christophe Dejours (2020):

¹⁹ Os jovens estão sofrendo. É o que dizem dados colhidos no Brasil por diferentes pesquisas: o Unicef afirma que três em cada dez jovens entrevistados relataram sintomas de ansiedade; o Datafolha diz que oito em cada dez tiveram problemas recentes de saúde mental; e, segundo o Ministério da Saúde, o número de suicídios entre crianças e adolescentes subiu no país, na contramão de uma tendência global. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/o-que-os-jovens-querem/psiquiatra-fala-sobre-a-saude-mental-do-jovem-brasileiro/>. Acesso em: 27/11/2022.

“Para lidar com o sofrimento vivido no trabalho, o sujeito faz uso das estratégias de defesa. Estas podem ser construídas individualmente ou de maneira coletiva. As individuais possuem um papel importante na adaptação ao sofrimento, no entanto, as construídas coletivamente podem levar a uma cooperação entre os indivíduos e contribuem para a coesão do coletivo de trabalho e um exercício do viver as adversidades em grupo, tendo um papel decisivo na estruturação do trabalho dos indivíduos.

A consciência juvenil

Esse movimento de reação individual e coletiva pode vir da consciência sobre o papel de agente social transformador que o jovem se encontra em relação ao amanhã. Um dos imperativos dessa juventude é a crise climática e o efeitos dela em suas vidas e do planeta. Essa consciência das questões ambientais, por exemplo, e as relações desse desafio com o modo de vida atual é algo que fez o jovem perceber o futuro e buscar se engajar por ele. Parte da juventude atual sabe que o modelo econômico baseado no neoliberalismo gerou, além de conforto e desenvolvimento para alguns, devastação e pobreza para outros. A questão ambiental se soma a temas caros para os jovens como a diversidade e a inclusão e um questionamento sobre como o sistema político está organizado e como a falência desse modelo é incapaz de solucionar os desafios vindouros. Por isso muitos têm consciência dos problemas e querem participar politicamente para mudar. Segundo levantamento entre jovens de 15 e 29 anos na capital paulista, cerca de 73% estão pessimistas com o comprometimento de políticos na sociedade e, ao mesmo tempo, o país viu um recorde de jovens se habilitando para votar na última eleição. Segundo o TSE, entre janeiro e abril deste ano, o país ganhou 2.042.817 novos eleitores entre 16 e 18 anos, um aumento de 47,2% em relação ao mesmo período em 2018. Isso pode ser um sinal, entre outros, do reflexo de consciência atrelada a atitude para mudar a realidade.

Mesmo que de maneira heterogênea, essa percepção consciente associada a ação pode atravessar positivamente as classes sociais, territórios e desigualdades do país. Em virtude do colapso ambiental e de novas filosofias de vida, parte dos jovens abastados e herdeiros de grandes fortunas buscam mudar suas percepções sobre o lucro desmedido, assim como jovens de estratos mais populares buscam outras maneiras de questionamento ativista, político e de inserção na sociedade. Há um confluência de novas lideranças indígenas cobrando direitos aos territórios e respeito à ancestralidade, assim como vitórias dos movimentos negros, de mulheres e de outras minorias. Há um movimento forte exigindo inclusão no mercado de trabalho e no campo político institucional. Parece existir um estoque de experiências comuns (MANNHEIM, 1993) capaz de unir jovens brasileiros em razão da renovação do futuro a partir da “participação nos mesmos eventos, nos mesmos conteúdos vitais; e fazê-los a partir

da mesma modalidade de estratificação da consciência”. Os aspectos geracionais, portanto, parecem confluir pois os jovens estariam conscientes, conectados e em busca de renovação.

Segundo o autor e precursor da sociologia da juventude Karl Mannheim (1993), existem três definições sobre o aspecto geracional: a posição geracional, a conexão geracional e unidade geracional. A posição é o que definiria esse estoque de experiências comuns, ou seja, as vivências compartilhadas em um período comum por um conjunto de indivíduos. Mas essa posição não determina uma ação, caso não exista um vínculo real e uma conexão em um estado de consciência comum em um determinado período. Segundo o autor essa renovação pode acontecer quando: “os conteúdos sociais reais e os conteúdos espirituais estabeleçam um vínculo real entre os indivíduos que se encontram em uma mesma posição geracional”.

Mannheim aprofunda a questão geracional e argumenta ainda que é equivocada a ideia de perceber a juventude como necessariamente uma classe contestadora, pois não existe uma única forma de pensar agir em determinada faixa etária. O autor, entretanto, reconhece que os jovens, por não estarem completamente adaptados ao *status quo* e a realidades que são herdadas, teriam um potencial para revitalizar ou renovar a ordem social vigente em um determinado recorte histórico geracional. Esses conceitos nos fazem refletir sobre a hipótese que, nesse momento histórico e influenciado por vivências comuns e específicas sociais, em especial a conexão permitida pela internet, a juventude mundial e a brasileira poderiam estar em um certo grau e fase de mobilização a partir da consciência comum adquirida. E esse fenômeno dentro do mundo do trabalho tem evidências empíricas importantes.

Consciência e não rebeldia

A rebeldia, portanto, cederia espaço para a consciência e a ação. No mundo do trabalho isso pode significar uma questão importante: o desemprego entre os jovens existe em razão de que não há trabalho para os jovens ou os jovens não querem esse tipo de trabalho? Seria por isso que existe um enorme contingente da juventude que prefere não aderir e firmar compromissos ou ainda nem trabalhar ou apenas sobreviver de bicos temporariamente?

A resposta é complexa e pode vir de vários entendimentos, mas, se novamente olharmos para o fenômeno a partir de uma perspectiva multidimensional do jovem no mundo do trabalho, cabe uma hipótese dele não querer ser o trabalhador precarizado e nem o empreendedor neoliberal. Pode querer ser apenas o jovem em busca de outros valores no trabalho em consonância com sua vida. Diversos movimentos de renúncia ou abandono contribuem para essa constatação no Brasil e no mundo. Embora não seja um movimento originado pelo jovem, a ‘grande renúncia’ e ‘a demissão silenciosa’ são formas de mostrar

que as pessoas, incluindo os jovens, estão menos vinculadas a trabalhos que não sejam minimamente satisfatórios. Nos EUA e no Brasil²⁰, uma grande massa de trabalhadores simplesmente saiu de seus empregos em razão de baixas remunerações ou em condições ruins. A saúde mental na pandemia foi muito afetada e impulsionou o movimento. Os que não saem do emprego ou do trabalho aderem a demissão silenciosa, onde só executam o que os papéis corporativos determinam, e não se dedicam ou vestem a camisa para além das suas atribuições ou remunerações. Ficam na empresa mas menos comprometidos com o trabalho.

O movimento *job hopping*²¹ tem grande aderência na juventude e sinaliza o mesmo cenário. Trata-se de pessoas que pulam de emprego e não têm vínculos duradouros. Cerca de 25% dos jovens entre 18 e 24 anos ficam menos de três meses no mesmo trabalho no Brasil. Os jovens buscam outras oportunidades e aprendizados e, principalmente, não se enxergam como a geração de seus pais que ficaram a vida toda trabalhando na mesma empresa. Aqui também conta a qualidade de vida, a busca por prazer no trabalho e a preservação da saúde mental, itens fundamentais que acabam determinando a alta volatilidade. Números do Ministério do Trabalho e Previdência atestam que 2,47 milhões de jovens ficaram menos de 3 meses no trabalho. Dado do mercado formal, enquanto números do mercado informal devem ser ainda mais expressivos. Os movimentos de renúncia, abandono, descompromisso ou mudança são feitos de forma voluntária e por trabalhadores que buscam entre muitos motivos, autonomia, gestão do tempo, qualidade de vida e perspectiva de futuro melhor. A mobilização pode estar ocorrendo de forma silenciosa, consciente e menos visível.

O futuro desejado no trabalho

Muito se fala das profissões do futuro e quais deixarão de existir ou quais serão as mais promissoras. O correto seria dizer como será o futuro do trabalho humano em razão das mudanças e das potencialidades subjetivas. Um contraponto com um futuro pré-concebido é fundamental na análise. Na perspectiva do mundo do trabalho e do tempo, o jovem, com absoluta certeza, ocupará esse futuro e, sem dúvida, com novas funções e atividades. Porém, essa abordagem mais tecnicista e profissionalizante do mundo do trabalho possui limitações e carrega conceitos que formavam o mercado de trabalho no século passado mas que não serão tão determinantes no futuro. A transição tecnológica das últimas décadas e o advento das

²⁰ Revista Exame. Disponível em: <https://exame.com/esferabrasil/depois-dos-eua-onda-grande-renuncia-de-demissoes-voluntarias-chega-ao-pais/>. Acesso em: 27/11/2022.

²¹ Portal Público. Disponível em: <https://www.publico.pt/2022/11/03/p3/noticia/saltar-trabalho-trabalho-ficar-empresa-jovens-fazem-job-hopping-2026201>. Acesso em: 27/11/2022.

TICS (tecnologias da informação e comunicação) impulsionaram e colocaram novos paradigmas no campo do trabalho no qual o jovem está inserido.

É, de certa maneira, um consenso entre especialistas que o trabalho humano será dividido com máquinas e outros níveis de inteligência não humana. O fenômeno já ocorre mas deve se intensificar. Não se trata apenas de novas tecnologias de automação industrial com robôs substituindo funções antes desempenhadas por humanos ou ainda inteligência artificial influenciando o surgimento de novas profissões. Além de conceitos como *e-learning*, *data science*, *e-commerce*, economia de plataforma influenciando a morfologia do trabalho, existe em marcha um significativo movimento tecnológico em níveis mais estruturantes que envolvem questões algorítmicas e novas tecnologias em *blockchain* que devem alterar as relações sociais e naturalmente o trabalho humano como conhecemos hoje. A biosvirtual (SODRÉ, 2021, p. 215) é um cenário e uma nova forma de vida em que a convivência e a inteligência humana e artificial devem coexistir e alterar as relações sociais. Em razão disso é preciso quebrar paradigmas do mundo do trabalho que pensam em profissões e pensar a integralidade das atividades humanas nesse novo contexto de futuro. E é o jovem quem ocupará esse espaço do tempo e do trabalho.

Enquanto essas transformações estão em curso, a internet conectada em rede já é um campo de trabalho real, cujo espaço o jovem está inserido pelo trabalho digital em seus mais variados formatos. A *www* encontra-se em sua fase da internet do valor, um ambiente propício de renda e trabalho. O jovem busca essencialmente ocupar esse lugar, é seu foco de atuação. O percentual de acesso à internet entre jovens no Brasil, em 2020, foi elevado: entre 16 a 24 anos é de 96%; e entre 25 a 30 anos é de 92% (Atlas das Juventudes) e muitos estão conectados em rede para trabalhar em funções originadas nesse ambiente. Uma atmosfera natural para quem nasceu após a virada do século ou poucos anos antes. Nesse sentido, pode-se assegurar que, no futuro, o campo majoritário de atuação do jovem será digitalizado, plataformizado e conectado nesse ambiente. É fato conhecido que muitos dos jovens já performam nesse ambiente, em sua face entretenimento e de redes sociais, gerando conteúdo ou ainda comercializando serviços, produtos e marcas como influenciadores de mídia. O terreno virtual dos games, das lives, das venda de milhas, das apostas é o terreno do jovem. Um terreno de trabalho remoto, sem ponto fixo e variável no tempo. Das sete profissões desejadas por jovens de 15 anos em pesquisa feita pela OCDE²² na ocasião da prova do

²² A OCDE constitui uma organização voltada ao desenvolvimento econômico e à busca do bem-estar social por meio da cooperação entre seus países-membros. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/ocde.html>. Acesso em: 27/11/2022.

PISA²³ em 2018, há grande prevalência digital, como mídia, marketing, tecnologia, e telecomunicações. E áreas como educação, saúde entre outras ainda terão expansão digital.

Essencialmente, o trabalho humano no ambiente digital não deveria possuir caráter não humano, automatizados ou com habilidades que possam ser melhor desempenhadas por máquinas e sobretudo por algoritmos. As mudanças que certamente ocorrerão no futuro do trabalho humano e os jovens de hoje seguirão tendências com características ainda mais subjetivas, ou seja, a força de trabalho, a execução do trabalho, a natureza do trabalho e seus diversos modelos e formatos serão mais humanos e inseridos no ambiente das redes digitais. É incerto e prematuro afirmar como será a luta de classes e as relações de poder e se o próprio neoliberalismo permanecerá, mas certamente os jovens estarão no futuro exercendo mais habilidades humanas e menos competências técnicas. A entender por pesquisas, algumas das tendências que se vislumbram para os jovens serão: presença de um ambiente mais diverso, criatividade e inovação valorizadas, mudanças nas relações de trabalho em direção a contratos temporários e flexíveis, rotinas automatizadas, cooperação entre máquinas e humanos, trabalho remoto e em qualquer lugar, engajamento dos trabalhadores como desafio para as empresas, saúde mental e o equilíbrio com qualidade de vida como exigência e a geração de valor social e ambiental um pilar importante no ambiente de trabalho. É dentro desse contexto que o jovem busca construir o seu futuro.

6 – Considerações finais

O neoliberalismo criou paradigmas para a juventude e os jovens parecem interagir com o cotidiano transformando os problemas do mundo do trabalho em combustível para enfrentar os desafios da própria vida. Como um Cavalo de Troia, a juventude parece se apresentar sem carteira para um mundo sem fronteiras. Se utiliza dos avanços vindos do neoliberalismo para enfrentar as mazelas do sistema enquanto vai moldando sua identidade. São jovens trabalhadores que tem outro ponto de partida em relação às gerações passadas e outras percepções sobre o sentido do que é o trabalho. Querem trabalhar mas também viver. E buscam realocar o trabalho da razão neoliberal em outro patamar dentro de suas vidas, mesmo com contradições que possam persistir.

O jovem não vê problema em dizer que não quer carteira assinada ao mesmo tempo que quer segurança. Não se enxerga como empreendedor e talvez menos ainda como trabalhador. Está convencido que trabalhar o tempo justo e necessário trará equilíbrio para sua

²³ Programa Internacional de Avaliação de Estudantes. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa>. Acesso em: 27/11/2022.

saúde e lazer. Quer ganhar dinheiro, mas não necessariamente acumular patrimônio ou satisfazer desejos consumistas. Quer trabalhar no que dá prazer, dinheiro e esteja alinhado com alguma causa e, principalmente, com sua própria identidade. Reconhece a necessidade da formação e do conhecimento, mas não necessariamente do modelo formal e hierárquico como a conclusão de uma faculdade. Compreende que a internet trouxe informação, conexão e conhecimento de forma aleatória e interage e navega dentro desse caos midiático. Sabe que é fundamental conquistar uma rede de *networking* para conseguir um trabalho ou uma oportunidade. Não busca sua identidade no vínculo com uma profissão, carreira, empresa ou marca. Busca passar por várias experiências e não consegue conceber a aposentadoria pois entende que pode fazer o seu "pé de meia" depois. Muitos deles não acham que há falta de trabalho – por mais que os dados e pesquisas atestem o contrário –, mas sabem que os que existem são ruins ou não servem para eles. O jovem reconhece algumas dificuldades, mas prefere ficar parado ou "testar algo na internet" do que perder seu tempo. Não quer chefe e simplesmente ignora alguns modelos hierárquicos ou outros compromissos padronizados. Quer o melhor, idealiza seu sucesso e procura referências. Tem interesse social e principalmente político, advindo de sua consciência e luta pelo seu futuro.

Todos esses valores, sentimentos e inquietações descritas acima formam um repositório de vínculos comuns que nos permite aventar uma hipótese. A de que os jovens sem carteira irão formar um novo tipo de trabalhador na ocasião de uma era pós-neoliberal. Ou seja, pode existir uma relação entre a geração nem-nem e os movimento de abandono e renúncia do trabalho. Não se trata de não querer fazer nada. Se trata de não se identificar com o presente e refutá-lo. As conexões identitárias entre os jovens poderiam criar os vínculos necessários para forjar e formar esse novo tipo de trabalhador. A de jovens sem carteira e empreendedores de suas vidas.

Essas percepções sobre o que pensa a juventude passam por visões de mundo coletadas em entrevistas realizadas com jovens paulistanos entre 20 e 25 anos, de raças, classes e gêneros diferentes. São, sobretudo, narrativas que não tem a pretensão de determinar a identidade plural e heterogênea da juventude brasileira, mas servem para dar caminho e mais materialidade ao artigo. A seguir, estão descritos alguns relatos que se conectam entre si. Foram editados a partir das entrevistas com os três jovens respondendo a temas como trabalho, futuro entre outros temas.

Lucas Alves tem 26 anos, mora com o pai, trabalha em três empregos temporários e é estudante de curso de tecnologia. Nina Costa, 20 anos, mora com o pai, trabalha em produtora de publicidade, já realizou trabalhos temporários em outras áreas e busca formação em

Direito. Gabriel Santanna, 24 anos, mora com a mãe, já estagiou em órgão público e em diversos trabalhos temporários como gestão de bibliotecas e redes sociais. Os três jovens trazem percepções de pontos confluentes que demonstram os vínculos entre a geração, independente da classe, raça ou gênero dos entrevistados. A remuneração média é próxima a um salário mínimo mensal e oriunda de diferentes trabalhos como plataformas de *delivery*, gestão de redes sociais, produção de alimentos, serviços em restaurantes, produção de conteúdo, produção de eventos, apostas na internet e investimentos na rede, entre outros. Muitos desse trabalhos são realizados de forma concomitante e a experiência adquirida pode ser traduzida nas seguintes percepções destacadas entre aspas a seguir:

O jovem "estuda para ter uma estratégia e aprender a ganhar dinheiro na internet". Acredita que o "conhecimento está na rede" e não quer "ficar correndo atrás de dinheiro". Entende que "o trabalho é uma forma de fazer dinheiro" a partir do "mínimo esforço" sugerindo aqui uma outra concepção sobre o que é o próprio trabalho. Ele "entende que não precisa trocar o dia inteiro por trabalho" e que a "renda fácil vem da internet" e que deve vir "por meio da mente e não pelo trabalho braçal". Percebe que o "mercado foi sempre competitivo" e a "receita do sucesso está atrás dos sonhos de cada um". "Não almeja uma profissão e acha que tudo pode mudar constantemente" e que "o tempo é muito importante" assim como o esforço. "É preciso se esforçar para conseguir o que se quer" mas "sabe que existem privilégios". "Ajudar os outros é importante" e busca "também ter segurança no trabalho". Sobre salário, "quer ganhar o suficiente para morar sozinho", "pagar umas contas" e "tirar um lazer". Sabe que precisa "conhecer gente para aumentar as chances de conseguir as coisas" e entende que "as máquinas não vão fazer tudo o que o ser humano faz". Pensa que "o governo que está aí não conseguirá resolver os problemas" e enxerga as próprias "pessoas resolvendo os problemas". O jovem "não quer estar preso" e "almeja que a vida de todos no futuro seja melhor".

A partir dessas percepções dos jovens podemos afirmar que o mundo do trabalho deve se modificar e ser influenciado por essas demandas, assim como foi em outros períodos históricos da classe trabalhadora. O trabalho ainda permanecerá pautado por políticas neoliberais que transformaram as relações laborais de forma significativa nas últimas quatro décadas, mas sem dúvida o jovem irá contribuir com a construção do futuro do mundo do trabalho e acabará pressionando sua dinâmica. Depois de intensa agenda liberal, podemos vislumbrar que um fenômeno global e nacional pode estar em marcha pelas mãos dos jovens.

Isso é factível pois são os jovens uma das parcelas da população mais afetadas pelas transformações laborais de hoje. Sem experiência, ainda em formação educacional e com

pouca rede de contatos laborais, são eles que absorvem boa parte dos trabalhos precarizados e de baixos salários oferecidos pelo mercado neoliberal. É essa grande massa, cerca de 50 milhões de trabalhadores entre 15 e 29 anos que, induzida a informalidade e suas variantes busca reagir as adversidades a sua própria maneira. Pressionados por condições herdadas do passado e conscientes de uma situação que não aceitam, procuram ressignificar o trabalho a partir do futuro. Negam hierarquias e promessas e buscam construir outra trajetória. Correm atrás da renda e satisfação em constante dialética de valores, ora absorvendo valores neoliberais como a meritocracia, ora negando falsos modelos sem lastro na realidade. É essa dinâmica que pode moldar e transformar a sociedade pós-neoliberal do trabalho.

Impulsionados por movimentos de grande volatilidade no trabalho e de renúncia ao regime do passado, os jovens se conectam em ondas e vínculos com sua geração rumo ao sonho do futuro pelo trabalho digital e sem emprego. Se enxerguem como atores políticos capazes de trabalhar e se realizar, mesmo com as inúmeras adversidades de ascensão social pelo trabalho. De certa forma, recolocam o status do trabalho em outro patamar, menos importante e central na realização da vida pessoal. Enxergam um mundo pela ótica da abundância, mesmo com realidade parecendo contrária. Compreendem a importância do trabalho, mas o reinterpretem de maneira própria e sem os pré-conceitos do trabalhismo ou os exageros do empreendedorismo. Recolocam o significado do trabalho abaixo da vida.

São jovens sem carteira que terão trabalho e que construirão o futuro à sua própria trajetória. São agentes políticos relevantes e capazes de mudar o curso do futuro laboral na medida que buscam transformar suas realidades. Uma mobilização e movimento que pode ser pouco percebida e talvez não esteja em greves nas ruas ou dentro dos escritórios das corporações, mas estará entranhada nas redes da web, onde a juventude demandará, além do trabalho, um futuro mais próspero para si e para os outros, ganhando dinheiro e sem destruir o planeta que vivemos.

Referências:

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: a era do trabalhador just-intime?. Estudos Avançados, n. 34 (98). 2020.

ABRAMO, Helena Wendel. VENTURI, Gustavo. CARROCHANO, Maria Carla. Estudar e Trabalhar. Dossiê Juventude e Trabalho. Novos Estudos CEBRAP: São Paulo. 2020.

ALBINO, Luciano. 10 lições sobre Max Weber. São Paulo: Editora Vozes. 2016.

ANTUNES, Ricardo. Uberização, trabalho digital e indústria 4.0 (Org.). São Paulo: Boitempo. 2020.

ATLAS DAS JUVENTUDES. Pesquisa Evidências para a transformação das juventudes. São Paulo. 2021.

CARROCHANO, Maria Carla. DOWBOR, Monika. JARDIM, Fabiana. Juventudes e participação política no Brasil no século XXI: quais horizontes?. Laplage em Revista. UFSC, UNISINOS, FEUSP. Sorocaba. 2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A grande virada. In: A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEJOURS. Christophe. Loucura do trabalho. São Paulo: Oboré. 2017.

FRANÇA, Ediana dos Santos. MOTA, Aey Holanda. Prazer e Sofrimento no Trabalho: uma abordagem psicodinâmica. Negócios Desenvolvimento Regional. São Paulo: 2021.

FUNDAÇÃO ARYMAX. Pesquisa Retrato do Trabalho Informal no Brasil. São Paulo: 2022.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. Pesquisa Trajetórias da informalidade no Brasil contemporâneo: São Paulo. 2018.

GRAHAM, Mark. WOODCOCK, Jamie. Economia gig: uma abordagem crítica. São Paulo: Senac. 2022.

GROHMANN, Rafael. Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas (Org.). São Paulo: Boitempo. 2021.

HARVEY, David. Os sentidos dos mundo: textos essenciais. São Paulo: Boitempo. 2016.

IREE. Instituto para Reforma das Relações entre Estado e Empresa. Um projeto para o Brasil: diagnóstico e saídas para a economia brasileira, São Paulo: 2022.

STANDING, Guy. O Precariado. O precariado: a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2013.

MARX, Karl. “A mercadoria”. In: O Capital. Col. Os economistas. São Paulo: Nova Cultural. 1985.

PIKETTY, Thomas. Capital e ideologia. São Paulo: Intrínseca. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da governação neoliberal. Revista Crítica de Ciências Sociais. 2005.

SODRÉ, Muniz. A Sociedade Incivil: mídia, iliberalismo e finanças. São Paulo: Editora Vozes. 2021.

WELLER, Wivian. A Atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. Revista Sociedade e Estado, vol. 25. nº 2. 2010.